

A Missão Italiana da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP e o imaginário da imprensa e do paulistano sobre o fascismo antes da Segunda Guerra

The Italian Mission of Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP and the representations on the Fascism before the Second World War in newspapers and in São Paulo

Luciana Vieira Souza da Silva

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, EACH, Universidade de São Paulo
vssluciana@gmail.com*

Rogério Monteiro de Siqueira

*Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, EACH, Universidade de São Paulo
rogerms@usp.br*

Resumo: Neste trabalho, analisamos a recepção na imprensa paulistana da *Missão Italiana* de professores na recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nos anos 1930. Este conjunto de professores, primordialmente da área de matemática e física, foram os responsáveis pela formação das primeiras turmas de licenciandos e bacharéis dessas áreas na Universidade de São Paulo. Propomos uma nova interpretação sobre a questão da pertença dos professores da Missão ao Partido Nacional Fascista. Para nós, alguns professores italianos são mal recebidos pelos alunos da FFCL muito mais por serem italianos e imigrantes do que por serem fascistas. Ou seja, o debate historiográfico deveria dar prioridade ao viés identitário do que ao viés político imperialista.

Palavras Chaves: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Missão Italiana; Fascismo.

Abstract: In this paper, we analyse the reception in the São Paulo Press of the Italian Mission in newly founded Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras of the University of São Paulo, in the 1930's. This Mission, consisting primarily of Italian teachers of mathematics and physics, was responsible for formation of the first groups of undergraduate students of these areas at the University of São Paulo. We suggest a new interpretation on the issue of membership of the teachers of the Mission to the Fascist National Party. In fact, for us, some Italian professors were not welcome by the students of the FFCL much more for being Italian and immigrants than for being fascists. In other words, the historiographical debate should focus more on an identity bias than on the imperialist and political bias.

Keywords: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Italian Mission, Fascism.

Durante as primeiras décadas do século XX, um grupo de médicos, engenheiros e advogados militaram em favor da prática das ciências puras e desinteressadas no Brasil. Nesse momento, vemos o surgimento da ideia da prática das ciências como profissão (SÁ, 2006), a fundação de associações que congregavam cientistas, como a Sociedade Brasileira das Ciências, em 1916, e a construção de espaços para essas práticas, como a emblemática fundação das novas universidades nos anos 1930 (CARDOSO, 1982; LIMONGI, 1989; PETITJEAN, 1996; SIQUEIRA, 2014). Tal processo não se deu sem um longo convencimento do público leigo e do governo de que as tais ciências puras eram essenciais para o projeto moderno de nação que se postulava. Nesse sentido, esses intelectuais organizaram palestras públicas com cientistas renomados (MASSARANI e MOREIRA, 2001), escreveram em jornais (SIQUEIRA, 2010) e mobilizaram a comunidade de intelectuais para divulgar as ciências para um público leigo.

Esse processo de convencimento do público leigo, já bem explorado por Massarani e Moreira (2004, 2001) no caso do Rio de Janeiro, ainda é pouco estudado no de São Paulo, apesar de certas similaridades nos dois processos: a presença de indivíduos comuns aos dois espaços, como é o caso do engenheiro Theodoro Ramos; a fundação das universidades tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, nos anos 1930; e, sobretudo, o agenciamento dos veículos de comunicação em favor da causa, com Amoroso Costa e Roquette Pinto no Rio de Janeiro, e Júlio de Mesquita Filho e seu jornal, *O Estado de S. Paulo*.

Dentro desse problema de pesquisa mais amplo, que é o de compreender como foram construídos os discursos que legitimavam a pertinência das ciências desinteressadas para o público leigo, gostaríamos aqui de analisar como os jornais paulistanos da época (e alguns jornais cariocas que costumavam apresentar notícias de São Paulo) trataram a *Missão Italiana*, que veio preencher algumas cátedras da recém-fundada Universidade de São Paulo, quais representações foram criadas sobre ela e, em especial, observar como a pertença ao fascismo por estes professores foi recebida neste contexto.

O uso de jornais enquanto fonte já é realidade em uma série de trabalhos em história das ciências, mas deve ser operado com certo cuidado. De acordo com Capelato, a imprensa é “um agente da história que ela também comenta” (1989:12). Assim, os jornais não somente apresentam as notícias, mas se posicionam em relação aos eventos. Em uma primeira aproximação às notícias veiculadas na imprensa

jornalística¹ acerca da criação da Universidade de São Paulo (USP) e, mais especificamente, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), verificamos que houve uma grande repercussão com relação a esse evento e, também, com relação à contratação de professores italianos². No entanto, a pertença de alguns deles ao partido fascista não pareceu incomodar os jornalistas em geral - uma aparente contradição, como veremos, em relação ao discurso totalmente antifascista veiculado por Mesquita Filho nos anos 1950.

A fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP) foi criada a partir dos esforços de indivíduos pertencentes a influentes esferas da política e da educação paulista dos anos 1920-1930, como um dos proprietários do jornal *O Estado de S. Paulo*, Júlio de Mesquita Filho. Uma das ideias compartilhadas por esse grupo versava sobre a necessidade de se criar uma universidade paulista que abrigasse uma Faculdade de Filosofia, que funcionaria como um centro onde se produziria ciência e cultura desinteressadas. Uma questão central por trás desse projeto de universidade era a formação de um novo professorado secundário, que se encarregaria de preparar as novas elites intelectuais brasileiras, que deveriam se ocupar da direção do país, superando as velhas oligarquias (CARDOSO, 1982; LIMONGI, 1989; GARCIA, 2002).

Quando o cunhado de Mesquita Filho, Armando de Salles Oliveira, foi nomeado Interventor Federal por São Paulo, em 1933, o projeto de universidade ganhou força política para ser colocado em prática. Assim, no dia 25 de janeiro de 1934, dia do aniversário da cidade de São Paulo, foi publicado o decreto que criava a Universidade de São Paulo, a partir da reunião de faculdades tradicionais, como a Faculdade de

¹ O conjunto de fontes jornalísticas utilizadas neste trabalho são oriundas do *Correio da Manhã*, *Correio Paulistano*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias*, *Folha da Manhã*, *O Estado de S. Paulo* e *Il Pasquino Coloniale*, consultados a partir da Hemeroteca Digital Brasileira (Fundação Biblioteca Nacional) e dos acervos digitais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

² Um outro conjunto de fontes que permitiu entrarmos em contato com os nomes contratados para o grupo da *Missão Italiana*, bem como obtermos informações institucionais de cada professor, foram os *Anuários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, presentes no Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda” (CAPH/FFLCH/USP).

Direito, a Escola Politécnica e a Faculdade de Medicina, e da criação da FFCL (CARDOSO, 1982; LIMONGI, 1989).

Uma vez criada a FFCL, era preciso constituir o corpo docente que seria responsável por levar aquele projeto adiante. A insatisfação com a intelectualidade brasileira de seu tempo (MESQUITA FILHO, 1969) e o apreço pela cultura e pelo sistema de ensino superior europeus levaram os mentores da USP a buscar a maior parte do corpo docente junto às comunidades intelectuais da França, Alemanha e Itália (PETITJEAN, 1996; SUPPO, 2000).

Os trabalhos de Petitjean (1996) e Suppo (2000) exploraram de maneira detalhada os trâmites que envolveram a contratação dos professores franceses. O que fica evidente, em um primeiro momento, é que havia um grande interesse por parte dos paulistas em estreitar os laços com a França e, ao mesmo tempo, uma certa admiração pelo sistema de ensino e cultural daquele país. Assim, é bem provável que, por essas e outras razões, as cadeiras destinadas às ciências humanas tenham sido ocupadas pelos professores da conhecida *Missão Francesa*. Com relação aos professores italianos e alemães, um discurso proferido por Júlio de Mesquita Filho em 21 de março de 1958, por ocasião da aula inaugural da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, portanto mais de vinte anos após a criação da FFCL e a vinda das *Missões Europeias*, apresentava uma espécie de justificativa com relação à distribuição das cátedras e a contratação de professores que poderiam ter sido simpatizantes ou até mesmo militantes de determinadas ideologias políticas, tais como o nazismo alemão e o fascismo italiano. De acordo com Mesquita Filho:

Atravessava o mundo então um dos momentos mais críticos da sua evolução. Mussolini, na Itália, Hitler, na Alemanha, de mãos dadas, assentavam as últimas medidas que os seus planos de conquista universal impunham. (...) Ora, éramos irredutivelmente liberais (...) Essa nossa posição obrigava-nos a evitar que as cátedras da Faculdade de Filosofia pudessem cair nas mãos de adeptos do credo italiano, sobretudo aquelas que mais aptas se mostravam a influir na formação moral da nossa juventude. Concorria para complicar o problema o fato de contar São Paulo um número elevado de filhos da Península, a maioria dos quais não escondia as suas propensões para aceitar as diretrizes da Roma fascista. Ameaça de monta e tanto mais digna de nossos cuidados quanto cada dia se mostrava mais impertinente a pressão que sobre o governo paulista exerciam a colônia e o governo italianos.

Pretendiam impor a vinda de numerosos membros das Universidades fascistas para integrar a nova congregação. Contornamos a dificuldade oferecendo à Itália algumas cadeiras de ciência pura (...) As futuras 'elites' não seriam vítimas da deformação intelectual resultante da prédica, nas cátedras, de teorias esdrúxulas, que repugnavam à índole e às tendências inatas da nossa gente (MESQUITA FILHO, 1969: 192).

Uma primeira observação a ser feita sobre esse discurso seria a ênfase que ele ofereceu à contratação dos italianos. Fica evidente que a justificativa de Mesquita Filho para que eles fossem contratados teria sido uma suposta pressão da colônia de ítalo-brasileiros que viviam na capital paulista. Assim, diante de tal pressão, os mentores da FFCL não teriam tido alternativa senão oferecer algumas das cátedras disponíveis a esses professores. A orientação destes para as ciências exatas, portanto, teria sido uma tentativa de reduzir as possibilidades de atuação dos professores no que tangia à formação política daquela “nova elite intelectual” paulista. Apesar de citar o nazismo alemão e as supostas alianças firmadas entre Benito Mussolini e Adolf Hitler, logo no início do trecho do discurso aqui transcrito, Mesquita não explica as razões da contratação de professores alemães e de sua alocação nas cadeiras de ciências naturais da FFCL. Em uma carta enviada pelo microbiologista e patologista Henrique da Rocha Lima ao médico alemão Fritz Munk em junho de 1934, analisada por Silva (2013:406), na ocasião da viagem de Theodoro Ramos à Alemanha para a contratação de professores, aquele pedia que fossem indicados alguns nomes, mas de sujeitos “não-arianos ou arianos não bem vistos”. Assim, os primeiros alemães contratados pela FFCL – Felix Rawitscher (botânica), Heinrich Rheinboldt (química) e Ernst Bresslau (zoologia) – não eram militantes nazistas; ao contrário, tiveram de passar por diversos obstáculos impostos pelo governo alemão, por conta da origem judaica. Assim, os alemães escolhidos não ofereciam qualquer risco de constrangimento ao projeto e às memórias da nova universidade. Talvez por essa razão o discurso de Mesquita Filho tenha se orientado especificamente aos italianos, cujo pertencimento ao Partido Nacional Fascista (PNF) italiano tenha sido mencionado por diversos observadores da época (PETITJEAN, 1996).

O grupo da *Missão Italiana*, como ficou conhecido, se formou em 1934, com a chegada dos professores Luigi Fantappiè (Análise Matemática e Geometria), Gleb Wataghin (Física Geral e Experimental), Francesco Piccolo (Língua e Literatura

Italiana) e Ettore Onorato (Mineralogia e Geologia) (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1937). Em 1936, chegaram a São Paulo os professores Giacomo Albanese (Geometria Projetiva e Analítica e História das Matemáticas) e Luigi Galvani (Estatística) (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1937b). Em 1937, com o término de seu contrato, Piccolo retornou à Itália e foi substituído pelo escritor Giuseppe Ungaretti. No mesmo ano, ocorreu o desdobramento da cadeira de Mineralogia e Geologia, originando a cadeira de Mineralogia e Petrografia, que ficou sob a responsabilidade do professor Onorato, e a de Geologia e Paleontologia, para a qual foi contratado o professor Ottorino De Fiore Di Cropani. Giuseppe Occhialini também chegou a São Paulo em 1937, para ocupar o cargo de assistente científico da cadeira de Física Geral e Experimental. O professor Attilio Venturi, que já se encontrava no Brasil, foi contratado para a cadeira de Língua e Literatura Grega (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1938), sendo substituído em 1939 pelo professor Vittorio de Falco (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1953b).

De acordo com Bertonha (2000), a atuação de intelectuais italianos na divulgação da ideologia fascista no exterior era uma realidade nos anos de 1930 e, a seu ver, o grupo enviado para a FFCL não esteve isento dessa missão política. Na realidade, não era difícil, naquele período, encontrar intelectuais e professores filiados ao PNF, pois a não-filiação representava desobediência e poderia resultar em perda de espaço e de emprego dentro de seu país. De acordo com Trento,

(...) o mundo universitário sentiu com maior intensidade a atração ao regime. Quando, em 1931, os professores foram obrigados ao juramento de fidelidade, somente 13 se recusaram a fazê-lo, muitos deles já prestes a se aposentar. Naturalmente, as motivações podiam ser muitas (a defesa do emprego, em primeiro lugar), e a atitude não revelava necessariamente adesão profunda, mas em geral os intelectuais cortejaram bastante o fascismo e foram por ele cortejados. (...) tendo sido numerosos os intelectuais famosos (...) e menos famosos a aderir ao fascismo, alguns por oportunismo (inclusive econômico), outros por convicção, mas contribuindo juntos para a consolidação do consenso (1986:48).

O juramento mencionado por Trento se encontra ainda hoje nos documentos da Secretaria Particular do Duce, no *Archivio Centrale dello Stato*, em Roma:

Juramento dos Professores Universitários

Juro ser fiel ao Rei, e aos seus Reais sucessores, observar lealmente o Estatuto e demais leis do Estado, aderir espiritualmente e ativamente, como cidadão e como professor, ao ideário do Regime Fascista, exercitar o ofício de professor e cumprir todos os deveres acadêmicos com o propósito de formar cidadãos trabalhadores, honestos e devotos à Pátria.

Juro que não pertenço nem pertencerei a Associações ou Partidos, os quais a atividade não se concilie com os deveres de meu ofício³ (SEGRETARIA PARTICOLARE DEL DUCE, 1930).

Não foi possível esclarecer quais eram as circunstâncias em que era proferido e qual o controle realizado em torno de tal juramento. No entanto, o que o texto parece deixar claro é que o pertencimento ao ideário fascista estava além de um simples engajamento em uma corrente política, devendo ser algo a ser vivido pelos que a ele aderiam em todos os sentidos, fosse espiritual ou na prática do trabalho, devendo “formar cidadãos trabalhadores, honestos e devotos à Pátria” acima de qualquer prática particular. Além disso, para garantir que os professores se mantivessem engajados ao PNF, foram decretadas leis, como a de nº 1482 de 28 de setembro de 1940⁴, que versava sobre a obrigatoriedade do pertencimento ao partido para que os profissionais ligados ao serviço público avançassem em suas carreiras. Assim, o governo fascista italiano trabalhava no sentido de atrair tanto ideológica quanto praticamente o mundo universitário, a fim de fortalecer e divulgar os seus interesses específicos.

É possível que os professores italianos da FFCL tenham se filiado ao PNF, o que não significa, necessariamente, que foram militantes. Quando Bertonha (2000) apontou que grupos intelectuais italianos foram responsáveis por parte significativa da propaganda fascista no exterior, considerou-os agentes intelectuais que, para além de suas respectivas ações dentro do campo científico, extrapolaram as barreiras que os distinguiam de outros campos sociais e passam a defender interesses da classe

³ “Giuramento dei Professori Universitari

Giuro di essere fedele al Re, ed ai suoi Reali successori, di osservare lealmente lo Statuto e le altre leggi dello Stato, di aderire espiritualmente e ativamente, come cittadino e come insegnante, alle idealità del Regime Fascista, di esercitare l'ufficio di insegnante ed adempiere tutti i doveri accademici col proposito di formare cittadini operosi, probi e devoti alla Patria.

Giuro che non appartengo né apparterrò ad Associazioni o Partiti, la cui attività non si concilli con i doveri del mio ufficio” (SEGRETARIA PARTICOLARE DEL DUCE, 1930).

⁴ ROMA. *Leggi e Decreti. Legge 28 settembre 1940-XVIII, n. 1482. Obbligo dell'appartenenza al Partito Nazionale Fascista per l'avanzamento in carriera dei dipendenti dalle pubbliche amministrazioni*. In: *Gazzeta Ufficiale del Regno d'Italia*, 7 de nov. 1940, n. 260, anno 81°, p.4230.

dominante de seu país de origem. Desse modo, é razoável compreender os intelectuais italianos da FFCL enquanto embaixadores de um projeto maior, de propaganda política e/ou ideológica⁵.

Ao longo da primeira metade do XX, esse projeto nacionalista teve que dialogar com a ideia antagônica de associações internacionais de promoção à ciência. No caso da matemática, as políticas culturais nacionalistas francesas, italianas e alemãs entraram em choque, chegando a pôr em risco a “União internacional de matemáticos” (PARSHALL, 2002).⁶

A chegada da Missão, segundo os jornais

Os professores Luigi Fantappiè e Francesco Piccolo foram os primeiros a desembarcar no Brasil e esse momento foi noticiado em uma série de jornais. A *Folha da Manhã*, por exemplo, traz algumas reportagens sobre as contratações e, inclusive, os recebe em sua redação no dia 16 de maio de 1934 (*Folha da Manhã*, São Paulo, 17 mai. 1934, p. 6). O *Correio da Manhã*, por sua vez, enfoca a chegada no Rio de Janeiro do navio *Oceania*, onde Fantappiè e Piccolo (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 de mai. 1934, p. 3) estiveram a bordo. De acordo com o jornal, eles teriam permanecido alguns dias naquela cidade, a pedido do embaixador italiano Roberto Cantalupo⁷. Em seguida, os dois teriam como destino o porto de Santos, de onde partiriam para São Paulo.

O jornal *O Estado de S. Paulo* também noticiou a chegada dos professores italianos da FFCL. A reportagem foi realizada na recepção do Hotel Esplanada, em São Paulo e, em seu texto, eram mencionadas as credenciais de Fantappiè: diretor do Instituto Matemático Salvatore Pincherle da Universidade de Bolonha. Sem maiores

⁵ Uma das estratégias adotadas pelo governo italiano para a divulgação do fascismo no estrangeiro foi através do incentivo à circulação de jornais fascistas, como no caso de *Il Pasquino Coloniale*, *Il Moscone* e outros (BERTONHA, 2001).

⁶ A “União Internacional de Matemáticos”, ou “International Mathematical Union” (IMU) organiza, desde o final do século XIX, um congresso internacional de matemáticos (International Congress of Mathematicians). Após a Primeira Guerra Mundial, alguns matemáticos franceses chegaram a propor a retirada dos países do eixo do IMU, causando longos debates dentro da comunidade internacional (LEHTO, 1998: 26).

⁷ De acordo com Bigazzi (2007), Roberto Cantalupo foi embaixador da Itália no Rio de Janeiro entre 25 de agosto de 1932 e 2 de janeiro de 1937. Em 1934, conseguiu que o jornal antifascista *Il Corriere Del Popolo d'Italia* fosse fechado. Segundo Bertonha (2001:292), o embaixador Cantalupo fez uma apresentação dos professores da USP ao ministro da Educação Gustavo Capanema, entre 1934 e 1935 (ver: CANTALUPO, s.d.).

ressalvas, o jornal refere-se a seu pertencimento ao PNF, desde 1º de junho de 1921 – o que é interessante, uma vez que Mesquita Filho, naquele seu discurso do final dos anos 1950 buscou posicionar-se avesso ao fascismo e a própria Embaixada italiana no Rio de Janeiro, à época, informava às autoridades italianas ser aquele jornal um impresso antifascista (BERTONHA, 2001). No entanto, o que observamos é que, aparentemente, a filiação de Fantappiè ao PNF não foi um problema quando de sua chegada à FFCL. Do mesmo modo, o jornal assinalava que o professor Piccolo “tomou parte na grande guerra e inscreveu-se, em 1922, no Partido Nacional Fascista”. Uma outra relação entre Piccolo e o fascismo era indicada quando, dentre as publicações do professor até aquele momento, é apontada a colaboração que firmara com a revista *Educação Fascista* (*O Estado de S. Paulo*, 15/05/1934: 5).

A chegada dos professores Gleb Wataghin e Ettore Onorato também foi registrada pela imprensa jornalística. Foram encontradas notícias no *Correio da Manhã*, que trouxe em destaque a manchete “Vultos da arte e da sciencia passam pelo Rio no 'Augustus'”, mencionando no seu subtítulo a chegada de mais dois professores italianos para a FFCL. Diferentemente de Fantappiè e Piccolo, os professores Wataghin e Onorato viajavam para o Brasil acompanhados de suas famílias (*Correio da Manhã*, 20/06/1934: 5). Em nenhum dos documentos consultados até o presente momento foi localizada alguma informação referente aos laços familiares de Fantappiè e Piccolo, porém podemos inferir que a decisão dos professores Wataghin e Onorato de virem acompanhados estivesse ligada a uma expectativa diferente em relação ao trabalho a ser iniciado na FFCL. Eles talvez já planejassem uma temporada mais longa no Brasil⁸.

Os jornais *Diario de Notícias* e *Diário da Noite* também se referem à chegada de Wataghin e Onorato, porém o evento não recebeu a mesma atenção da imprensa, conforme ocorrera com a de Fantappiè e Piccolo. O próprio *Estado de S. Paulo* não trouxe informação sobre esse momento de chegada à cidade, como havia feito no caso dos dois primeiros.

Ainda no ano de 1934, iniciaram-se as séries de conferências públicas promovidas pela FFCL. É interessante destacar que, dentro desse espaço, os professores daquela instituição apresentavam-se para um público além do universitário, principalmente professores secundários da metrópole paulistana. Nesse primeiro

⁸ Em entrevista realizada em 1975, Wataghin (2010) afirma que, apesar de já contar com uma trajetória acadêmica na Itália, decidiu ir para a FFCL por acreditar que, por conta do regime fascista, seria difícil se tornar professor catedrático em uma universidade italiana.

momento, as conferências ocorreram no Instituto Histórico e, de acordo com o *Anuário* de 1934-1935, contaram com um elevado número de ouvintes (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1937). Nos anos seguintes, elas passaram a ocorrer na Faculdade de Direito e no Instituto de Educação (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1938).

A chegada do professor Galvani, em 1936, foi noticiada pela *Folha da Manhã*, que trazia uma foto sua, ao lado de Fantappiè. Segundo a notícia de capa, Galvani estava no Brasil há alguns dias e fora entrevistado no Hotel São Bento, onde se hospedara. De acordo com o professor, segundo o jornal, suas expectativas ao vir para o Brasil eram as melhores, por considerar este país um “amigo da Itália”. Assim como Fantappiè e Piccolo, passara alguns dias no Rio de Janeiro, antes de se dirigir a São Paulo, tendo informado à *Folha da Manhã* ter se maravilhado com as “belezas naturais” daquela cidade. Sobre São Paulo, Galvani teceu os seguintes comentários:

São Paulo já era meu conhecido de longa data. Na Itália, tive ocasião de travar conhecimento, por meio de livros e de pessoas, ou brasileiras ou mesmo italianas que aqui já tinham estado (...). Já conhecia os feitos dos bandeirantes e, como todos os estrangeiros que ouvem falar num Brasil e num São Paulo deslumbrante, tinha imenso desejo de conhecer (*Folha da Manhã*, 21/05/1936: 1).

A despeito das formalidades em seu discurso de recepção, o conhecimento prévio de São Paulo talvez tenha se dado não só por meio do contato com pessoas que tinham viajado ao Brasil, mas também por meio de livros ou pessoas que tenham comentado sobre a densa colônia ítalo-brasileira paulista. Chegando à cidade, Galvani foi recebido por algumas personalidades, como o prefeito, Fábio Prado, o secretário da Educação e Saúde Pública, Cantídio de Moura Campos, e o diretor da FFCL, o professor Almeida Prado.

Não foram encontradas notícias referentes à chegada de Giacomo Albanese na *Folha da Manhã* e nem mesmo no *Estado de São Paulo*. O *Correio Paulistano*, por sua vez, citava o nome de Albanese junto à lista de passageiros que deram entrada no porto de Santos, em 6 de agosto de 1936, através do vapor “Conte Blancamano”, que vinha da cidade de Trieste, na Itália, sem maiores informações sobre o professor recém contratado para a FFCL (*Correio Paulistano*, 06/08/1936: 13).

Como os contratos iniciais dos professores da Missão Italiana tinham duração de três anos, em 1937 chegaram ao fim. A maioria deles foi renovada, com exceção do de Francesco Piccolo, que retornou à Itália para assumir o posto de catedrático na Universidade de Messina (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1937b). Assim, para ocupar a cadeira de Língua e Literatura Italiana foi contratado o poeta Giuseppe Ungaretti (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1938). De acordo com Fabris (1998), Ungaretti havia recebido o convite para ser professor ainda em 1936, ano em que havia apresentado algumas conferências públicas na própria FFCL, onde alguns contatos foram estabelecidos previamente com a instituição.

A chegada dos novos membros da *Missão Italiana*, em 1937, não recebeu a mesma atenção dos jornais, diferentemente de seus colegas dos anos anteriores. Somente Ungaretti teve sua chegada ao Brasil noticiada pela *Folha da Manhã*, de maneira muito discreta:

Encontram-se em S. Paulo, de regresso da Itália, onde estiveram de férias, os professores Luigi Fantappiè, Giuseppe Ungaretti, Ettore Onorato e Luigi Galvani (...) Os ilustres professores estiveram ontem, em visita à redação da 'Folha da Manhã', em companhia do nosso colega do 'Fanfulla', dr. Nino Augusto Gaeta (*Folha da Manhã*, 11/03/1937: 5).

133

No ano de 1938, um italiano que já vivia na cidade de São Paulo foi incorporado ao grupo da *Missão Italiana*, o professor Attilio Venturi, contratado para ocupar a cadeira de Língua e Literatura Grega. Em 1931, o professor fora nomeado “Diretor das Escolas Italianas no Estrangeiro” e, desde 1935, era “Diretor do Instituto Médio Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri de São Paulo” (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1938: 98). No entanto, não foram encontradas notícias nos jornais da época que mencionassem sua contratação.

Ao consultar o *Anuário* da FFCL que corresponde ao período de 1939 a 1949 não localizamos o nome do professor Attilio Venturi entre os docentes, porém observamos que, ainda em 1939, chegou um novo nome para a cadeira por ele ocupada, o de Vittorio de Falco, o último membro a compor o grupo da *Missão Italiana* da FFCL, que assinou contrato em 1º de março daquele ano (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1953). Do mesmo modo, não foram encontradas notícias sobre essa

contratação, o que demonstra uma diminuição com relação ao interesse da imprensa jornalística em comentar o cotidiano da FFCL. Uma das razões seria que aquela instituição, que existia desde 1934, com o passar do tempo teria sido incorporada à rotina da cidade, não sendo mais objeto de curiosidade e de grandes manchetes, conseqüentemente.

Ainda em 1939, o professor Luigi Fantappiè deixou a *Missão Italiana* e retornou à Itália para assumir a cátedra de análise matemática junto ao Instituto Nacional de Alta Matemática, em Roma (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1953b). Para Táboas, o retorno de Fantappiè se deveu à entrada de seu país na Segunda Guerra Mundial, uma vez que o referido professor “era militante fascista, [e] retornou para a Itália, a pedido do seu Governo” (2005: 12). No mesmo ano, o professor Ettore Onorato também retornou ao seu país, onde foi nomeado catedrático na Universidade de Roma (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1953).

A *Missão Italiana* nas colunas sociais

134

No tempo em que a *Missão Italiana* permaneceu na cidade de São Paulo, seus membros chegaram a circular por diversos espaços ligados à colônia ítalo-brasileira. Um desses espaços foi a redação do jornal *Il Pasquino Coloniale*, de inclinação fascista (BERTONHA, 2001). Assim que os professores Piccolo e Fantappiè chegaram à cidade, o jornal, além de noticiar suas chegadas, ainda os recebeu e convidou a fazer parte de sua equipe, participando do “*Servizio Controllo*” e do “*Servizio Collaborazione*”, órgãos ligados à administração do periódico, da qual figuras eminentes da colônia italiana já faziam parte. Na mesma notícia referente à recepção dos professores, o jornal ainda citava os nomes de Wataghin e Onorato, mas informava que o diretor do *Pasquino* ainda não havia “decidido” sobre seus destinos dentro do jornal (*Il Pasquino Coloniale*, 19/05/1934: 4).

O *Circolo Italiano* de São Paulo, criado em 1911, teve sua diretoria ocupada por indivíduos ligados ao fascismo a partir de 1928, se tornando um centro de propaganda política, onde ocorreram diversas reuniões do *Fascio di San Paolo* (TRENTO, 1989). Os professores Fantappiè e Piccolo participaram de diversos eventos promovidos pela entidade, mas um dos mais interessantes foi o que ocorreu em 8 de setembro de 1934, quando foi oferecida uma festa de gala para a *Missão Italiana*. O jornal *Il Pasquino*

Coloniale trouxe uma reportagem de duas páginas sob o seguinte título: “*La brillante serata di gala in onore dei Professori Universitari Italiani al Circolo Italiano*” (*Il Pasquino Coloniale*, 15/09/1934: 10-11). Entre os convidados do evento figuravam Fantappiè, Piccolo, Wataghin e a esposa, Onorato e a esposa, os professores franceses Arbousse Bastide, Emille Coornaert, Pierre Deffontaine, além dos alemães Rawitscher, acompanhado pela esposa, e Heinrich Rheinbolt. O reitor da USP, Reynaldo Porchat, também esteve presente no jantar, ao lado do professor Ernesto de Souza Campos. Entre os representantes da imprensa figuravam o pessoal de *O Estado de S. Paulo*, *Diario Popular*, *Folha da Manhã e da Noite*, *A Gazeta*, *Correio Paulistano*⁹ e, também, da imprensa ligada à colônia, como o *Fanfula* e, evidentemente, o *Pasquino Coloniale*. O comandante Biaggio Altieri, do *Fascio di S. Paolo*, também esteve presente. Durante o jantar, foi realizada uma homenagem aos professores italianos da FFCL, que se estendeu aos demais professores estrangeiros e brasileiros, pelas palavras do presidente do *Circolo*, Marquês Nicastro Guidiccioni. Em sinal de agradecimento à homenagem, Piccolo proferiu um discurso em latim.

Fascistas ou não fascistas? Um problema postulado pela historiografia

135

De uma maneira geral, a posição desses professores ante ao fascismo é suscitada em uma série de trabalhos sobre os primeiros anos da Universidade de São Paulo. De acordo com Petitjean (1996), Fantappiè era filiado ao PNF desde 1921, e Piccolo desde 1922. O autor apresenta uma declaração de Paulus Aulus Pompéia que afirmava que Fantappiè, ao chegar à sala de aula, costumava fazer a saudação fascista, o que não era bem recebido pelos alunos, que dele debochavam. Outra questão levantada por Pompéia é a de que Fantappiè teria organizado um grupo fascista dentro da FFCL, do qual Wataghin e Occhialini não teriam participado. Petitjean apresenta ainda outras versões sobre a conduta dos italianos que indicam que eles não tiveram qualquer envolvimento com o fascismo. Paulo Duarte dizia não haver fascistas entre eles e que os professores seriam, inclusive, “de esquerda, neutros”. Paul Arbousse-Bastide, por sua vez, dizia não se recordar “de problemas com os italianos, somente um ‘certo mal-estar quando eles festejaram a tomada de Adis-Abeba’” (PETIJEAN, 1996: 264).

⁹ Apesar do *Circolo Italiano*, nesse período, já estar sob comando dos fascistas, a imprensa classificada pela Embaixada como antifascista ou liberal esteve presente, caso de *O Estado de S. Paulo*. Já os jornais *A Gazeta* e *Correio Paulistano*, eram considerados filofascistas, em 1937 (BERTONHA, 2001).

De fato, em 1936, a invasão de Adis-Abeba, na Etiópia, pelas tropas de Mussolini foi largamente comemorada pela comunidade de ítalo-brasileiros da cidade de São Paulo (TRENTO, 1986). Na ocasião, o jornal *Diário da Noite* realizou uma reportagem sobre a recepção da notícia no Brasil, na qual procurou algumas personalidades da colônia para apresentarem opiniões sobre o assunto. Assim, foram entrevistados os condes Matarazzo e Crespi, Tito Tuccimei, então diretor do *Fascio de São Paulo*, e o professor Luigi Fantappiè, que fez a seguinte declaração:

A espada da lei civilizadora descansa na terra calcinada da África. Os adubos da prosperidade irão substituí-la, como já foram derrubadas as adagas envenenadas da barbaria.

A vitória de hoje pelas legiões romanas, gloriosas como as ancestrais e milenárias, possui o esplendor de uma paisagem dantesca, maravilha da cultura ocidental (*Diário da Noite*, 06/05/1936: 8).

136 A posição defendida pela declaração de Fantappiè ao jornal não parece neutra ou de esquerda, mas de apoio às últimas tomadas de posição do regime de Mussolini. Além disso, é interessante refletir sobre a escolha do jornal em publicar a opinião de Fantappiè ao lado da de figuras eminentes da colônia italiana; ora, o fato de se convidar um matemático para comentar eventos políticos recentes podia estar ligado à figura que o professor representava tanto para a imprensa, quanto para a própria colônia. Talvez a circulação por espaços de socialização dessa comunidade o tenha aproximado de questões para além daquelas específicas que ele teria sido convidado a assumir no âmbito da FFCL.

De fato, Fantappiè foi citado em uma série de eventos ligados à colônia ítalo-brasileira. Em 1935, por exemplo, veio ao Brasil o inventor italiano Guilherme Marconi, que contou com uma recepção acalorada na cidade de São Paulo. O governo estadual chegou a oferecer um banquete no Teatro Municipal para homenageá-lo, do qual participaram, além de Fantappiè, os professores Onorato, ao lado de sua esposa, Wataghin, também ao lado da esposa, Piccolo, e também Armando de Sales Oliveira, Júlio de Mesquita Filho, conde Crespi e conde Matarazzo, entre outros (*O Estado de S. Paulo*, 01/10/1935: 5).

Fantappiè ainda esteve presente à ópera da Companhia Bragaglia, que se apresentou no Teatro Municipal em junho de 1937 (*Folha da Manhã*, 11/06/1937: 10),

compareceu à apresentação do escultor De Fiori (*Folha da Manhã*, 13/06/1937: 12) e também chegou a participar de homenagens a outras personalidades ligadas à colônia, como o banquete oferecido ao *Comissionário Consular* Salvatori Pisani, que estaria deixando São Paulo para retornar à Itália, evento do qual também participaram Albanese, Galvani, Occhialini, Wataghin e Ungaretti (*Il Pasquino Coloniale*, 30/04/1938: 14).

No ano de 1938, quando mais professores italianos já faziam parte da *Missão*, o Instituto de Cultura Ítalo-Brasileiro, centro divulgador da cultura italiana e fascista (BERTONHA 2001), também prestou uma homenagem ao grupo. Em novembro daquele ano, o professor Spencer Vampré ofereceu um jantar aos professores italianos, no qual estiveram presentes Luigi Galvani, Giuseppe Ungaretti, Luigi Fantappiè, Giuseppe Occhialini, Giacomo Albanese, Ettore Onorato e Attilio Venturi (*Folha da Manhã*, 22/11/1938: 4), em mais um gesto de aproximação da colônia ítalo-brasileira dos professores da FFCL.

Fascistas ou não fascistas? Um falso problema

137

Theodoro Ramos, ao retornar da viagem de três meses à Europa para contratar os novos quadros da FFCL, concedeu uma longa entrevista para o *Estado de S. Paulo* no dia 2 de Junho de 1934. Sobre sua passagem na Itália, ele disse:

Na Itália, além de ter sido homenageado pelas autoridades, entre as quais é justo salientar o ministro Piero Parini que se mostrou um grande amigo do Brasil, devo lembrar a entrevista que tive com o chefe do governo italiano, sr. Benito Mussolini, de quem trago as melhores recordações. Não se deve também esquecer a atuação desenvolvida pelo sr. Embaixador da Itália no Brasil em prol do sucesso da minha missão na Itália (*O Estado de S. Paulo*, 02/06/1934: 4).

Não há, portanto, no discurso de Ramos qualquer constrangimento sobre as contribuições que o governo de Mussolini estava fazendo ao projeto da nova FFCL. Uma semana após sua chegada, os alunos da Escola Politécnica publicaram uma charge, em seu jornal *Minervina* (ver Imagem 1), sobre as negociações. Nela, enquanto Ramos oferecia um vetor - um elemento fundamental de seu livro *Cálculo Vetorial* -, sua

ciência que “poderá dar novos rumos à Itália”, Mussolini lhe dava em troca a camisa de militante do partido, ao que Ramos respondia convertido, cumprimentando o *Duce* com a típica saudação romana, agora incorporada ao gestual fascista.

Imagem 1

Charge, com imagem de Mussolini e Theodoro Ramos, produzida pelos alunos da Escola Politécnica, publicada no jornal *Minervina* (1934).



Fonte: CELESTE FILHO, 2011: s.p.

A graça da charge não está somente nas oposições que ela propõe: gordo em branco versus magro em preto, ou na ingenuidade de Ramos, risonha, contente, frente a truculência de Mussolini, ou na troca da ciência pela política; mas, sobretudo, na aproximação que ela sugere entre os dois ao colocar Theodoro Ramos executando a saudação romana. A prática seria motivo de chacota para os alunos paulistanos quando Fantappié adentrava a sala de aula, segundo relato de Paulus Aulus Pompeia, acima referido (AULUS, 1977). Na mesma época, na cidade de São Paulo, o então jovem professor francês Lévi-Strauss comentou que uma estátua do imperador Augusto

erguida pela colônia italiana, portando o mesmo gesto, também foi motivo de riso na cidade.

Era assim que a burguesia de São Paulo (responsável pela instituição de uma sessão cinematográfica semanal a preço alto, destinada a protegê-la dos contatos plebeus) vingava-se de ter, por sua incúria, permitido a formação de uma aristocracia de emigrantes italianos chegados há meio século para vender gravatas pelas ruas, e hoje donos das mais vistosas residências da “Avenida” e doadores do bronze comentado (LÉVI-STRAUSS, 1995: 98).

Portanto, o partido fascista e a saudação romana eram, antes de tudo, elementos definidores da identidade italiana na cidade de São Paulo, etiquetas identificadoras do imigrante italiano, como o broche que Fantappié carregava na lapela. Nesse sentido, Mesquita Filho, em seu discurso citado anteriormente, muito provavelmente rearranjou os acontecimentos dos anos 1930 ao sabor do clima dos anos 1950, quando Hitler e Mussolini já haviam recebido o veredicto de inimigos da liberdade e vilões da humanidade. Essa memória recente não o permitia retroceder e ler o jornal que dirigiu. Nos anos 1930, a elite paulistana não se importava tanto com os interesses imperialistas do *Duce*. Era sobretudo uma questão de gosto de elite, que primava o francês em relação ao italiano.

139

Agradecimentos

Luciana Silva agradece à FAPESP pela bolsa de mestrado (Processo: 2012/24076-3), sem a qual não seria possível este trabalho. Os autores agradecem os comentários do Prof. Bruno Bontempi Jr. sobre a questão do fascismo antes da guerra, que os levaram a rediscutir a recepção da *Missão Italiana* no período, e às editoras pelas preciosas intervenções textuais que ajudaram a melhorar o trabalho.

Fontes

ACS/SEGRETARIA PARTICOLARE DEL DUCE. Carteggio Riservato (1922-1943), b. 30, fascicolo “Gran Consiglio”, sottofascicolo 8 – 1930.

- AULUS, Paulus (1977). *Entrevista concedida a Simon Schwartzmann e Ricardo Guedes*. Fundação Getúlio Vargas/ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Rio de Janeiro.
- CANTALUPO, Roberto. Carta sem data. Fundação Getúlio Vargas/ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, Arquivo Gustavo Capanema, Série Correspondência, Rolo 2, f. 341.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (1937). *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1935)*. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”.
- ____ (1937b). *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1936)*. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”.
- ____ (1938). *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1937-1938)*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- ____ (1953). *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1939-1949)*. Vol. I. São Paulo: Seção de Publicações da USP.
- ____ (1953b). *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1939-1949)*. Vol. II. São Paulo: Seção de Publicações da USP.
- WATAGHIN, Gleb (1975). *Gleb Wataghin (depoimento)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 45 p.

Referências Bibliográficas

140

- BERTONHA, João Fábio (2000). Divulgando o *Duce* e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943. *Revista de História Regional*. vol. 5, n. 2, pp. 83-112.
- ____ (2001). *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- CAPELATO, Maria Helena (1989). *Os arautos do liberalismo: Imprensa Paulista (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense.
- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro (1982). *A Universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo: Editores Associados/Cortez.
- CELESTE FILHO, Macioniro (2011). El conflictivo nacimiento de la Universidad de São Paulo en la década de 1930. *Revista Iberoamericana de Educación Superior*. México, vol. II, n. 3, pp. 102-114. Disponível em: <<http://ries.universia.net/article/view/46/conflictivo-nacimiento-universidad-sao-paulo-decada-1930>>. Acesso em: 10 out. 2014.
- FABRIS, Maria Rosaria (1998). A “Terra da Trágica Agonia”: Giuseppe Ungaretti no Brasil. *Revista USP*. São Paulo, n. 37, pp. 154-167, março/maio.
- GARCIA, Sylvia G. (2002). *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia/Ed. 34.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1995). *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LEHTO, Olli (1998). *Mathematics without borders: a history of the International Mathematical Union*. Nova York: Springer-Verlag.
- LIMONGI, Fernando (1989). Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. vol. 1. São Paulo: Vértice, Ed. Rev. dos Tribunais: IDESP.
- MESQUITA FILHO, Julio (1969). *Política e cultura*. São Paulo: Livr. Martins Fontes.

- MOREIRA, Ildeu de Castro & MASSARANI, Luisa (2001). A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. *História Ciência, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 3, pp. 627-651, fev.
- _____. (2004). Miguel Ozorio de Almeida e a vulgarização do saber. *História Ciência, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 2, pp. 501-513, ago.
- PARSHALL, Karen (2002). The internationalization of mathematics in a world of nations. In: PARSHALL, Karen & RICE, Adrian C. (Orgs.). *Mathematics unbound: the evolution of an international mathematical community, 1800-1945*. Providence e London: American Mathematical Society and London Mathematical Society.
- PETTIJEAN, Patrick (1996). As missões universitárias francesas na criação da USP. In: HAMBURGER, Amélia et. al. (Orgs.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. Trad. Marta de Almeida e Ana Maria de Alencar Alves. São Paulo: EDUSP, pp. 259-330.
- SÁ, Dominichi Miranda de (2006). *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- SILVA, André Felipe Candido da (2013). A diplomacia das cátedras: a política cultural externa alemã e o ensino superior paulista – os casos da USP e da Escola Paulista de Medicina (1934-1942). *História (São Paulo)*. São Paulo, vol. 32, n.1, pp. 401-431, jan./jun.
- SIQUEIRA, Rogério Monteiro da (2010). Purity and resentment in newspapers: the arrival of modern mathematics in Brazil. *Circumscribere*. vol. 8, pp. 36-44.
- _____. Enciclopedismo, distinção profissional e modernidade nas ciências matemáticas brasileiras (1808-1930). *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. No prelo.
- SUPPO, Hugo (2000). A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias. *Revista de História*. São Paulo, n. 142-143, pp. 309-345.
- TÁBOAS, Plínio Zornoff (2005). *Luigi Fantappiè: influências na matemática brasileira. Um estudo de história como contribuição para a educação matemática*. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro/SP.
- TRENTO, Angelo (1986). *Fascismo italiano*. São Paulo: Ática.
- _____. (1989). *Do outro lado do Atlântico*. Um século de Imigração Italiana no Brasil. Trad. M. Fabris (cap. 2 a 5) e E. Brandão (cap. 1, 6 e 7). São Paulo: Nobel, Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro.
- WEIL, Andre (1992). *The apprenticeship of a mathematician*. Trad. J. Gage. Basel. Boston; Berlin: Birkhäuser.